

## Precisamos falar sobre o Brasil

*We need to talk about Brazil*

*Il nous faut parler sur le Brésil*

Inês Barbosa de Oliveira  
Universidade Estácio de Sá - PPGE  
inesbo2108@gmail.com  
<http://orcid.org/0000-0003-4101-3919>

“Precisamos falar sobre o Kevin!” Este filme (RAMSAY, 2011), emblemático, traz a história, vista do ponto de vista da mãe, de um adolescente que matou pai e irmã em casa e seguiu para a escola onde fez uma chacina! Preso, Kevin era regularmente visitado por sua mãe que, atormentada, tentava compreender o filho e os acontecimentos que tanto a vitimaram, para além das vítimas reconhecidas como tais, que perderam suas vidas ou ficaram indelevelmente marcadas pela barbárie perpetrada por Kevin. A mãe de Kevin relembra, ao longo da obra, passagens da infância dele e da angústia que lhe vinha a cada vez que ficava evidente a falta de empatia do menino. Criá-lo e visitá-lo depois do acontecido era algo de que ela não podia escapar, presa pelo amor de mãe e pela tentativa de entender o que se passara.

Vivemos hoje uma situação inédita, imprevista e assustadora para a maioria das pessoas sãs do planeta, sobre a qual também é preciso falar. Precisamos falar sobre Covid-19 e sobre o Brasil nela, sobre os efeitos que a falta de empatia produz nos comportamentos e posicionamentos em torno do problema que enfrentamos. Estamos traumatizados, atormentados, com medo desse fato tão imprevisível quanto assustador de uma pandemia que nos pegou a quase todos desprevenidos. Estamos precisando falar sobre isso, mesmo sem sabermos bem como e nem com base em quê.

De início atônitos com o isolamento social e com as obrigações docentes transformadas em tarefas online, possíveis de execução por alguns, mas não pela grande maioria, passamos para o medo e para a busca de compreensão – afinal somos docentes,

pesquisadores, cidadãos responsáveis – do que se passa no Brasil, com o Brasil. Onde estamos, como estamos, o que temos, o que teremos, para onde vamos, como vamos? Tantas questões que nos interrogam e fazem pensar, infelizmente com muitos poucos dados confiáveis e informações precisas. Mas seguimos. A vida não para, “mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma”, como aprendemos com o poeta Lênine, que nos alerta na mesma canção: a vida é tão rara!

Três meses depois do início, o enfrentamento da pandemia – palavra que conhecíamos apenas de filmes catástrofe – nos parece cada dia mais difícil, inclusive porque nosso país tem batido recordes de críticas negativas no exterior atestando sua má gestão da crise, além dos tristes e crescentes números de mortes e casos. Mas isso não é tudo! Temos uma seletividade estranha no Brasil. Enquanto na maior parte dos países as parcelas da população que correm mais risco são idosos ou aqueles com doenças pré-existentes, no Brasil, a mortalidade varia com o CEP. Dependendo de onde você more, sua chance de falecer vai de 1%, ou menos, a cerca de 30% – conforme dados dos nossos principais jornais. Segundo o Observatório das Favelas no Rio de Janeiro, esse último é a mortalidade entre seus moradores que se contaminam. Pobres, pretos, moradores de favelas e periferias e população sem plano de saúde têm risco de morte bem maior do que as classes médias e os ricos. E o que pode explicar flexibilizações irresponsáveis das medidas de isolamento é precisamente, como Kevin, a pouca empatia que nossas elites demonstram com nosso povo mais pobre, com as almas a quem não é permitido ter calma.

Estamos alertas, fazendo nosso trabalho acadêmico, que tem sempre um viés ligado ao nosso perfil cidadão, que hoje nos obriga mais fortemente a defender a democracia e os direitos daqueles a quem o Estado brasileiro, em diferentes instâncias, nega a cidadania. Boaventura de Sousa Santos (2016) já nos alertava, há tempos, sobre o crescimento daquilo que ele define como fascismo societal ou social: uma estranha fórmula que permite ao Estado chamado de democrático proteger parcelas da população enquanto ataca outras. O mesmo policial que ajuda os filhos da classe média a atravessar a rua atira sobre crianças e adolescentes nas favelas e bairros pobres, narra o autor em palestra há alguns anos. O mesmo Estado que economiza na ajuda aos mais necessitados durante a pandemia, socorre os mais ricos. O mesmo Estado que protege parcelas selecionadas da população, condena outras senão à morte, à indignidade cotidiana de transportes precários, lotados e, portanto, extremamente perigosos; a moradias inviáveis e a salários inaceitáveis, entre outros problemas!

Nesse número da nossa REEDUC assumimos nosso dever acadêmico com a qualidade da nossa Revista que, neste momento, é, também, um dever social de “falar sobre Kevin”, sobre a falta de empatia e seus possíveis efeitos sobre o Brasil atual, suas desigualdades e iniquidades realimentadas pelo caráter endêmico dessa falta. Precisamos não esquecer que dentre as funções da produção e divulgação do conhecimento estão a de buscar produzir melhoria social, dialogar com aqueles a quem se destinam e que deles necessitam: a população a quem se dirige. Considerando a pluralidade desses conhecimentos e destinatários possíveis, dessa população e o tanto que com ela temos a dialogar, é que esse número, não temático, traz uma grande pluralidade de assuntos e abordagens em seus vinte e um textos, mas não uma pluralidade qualquer!

Os dezoito artigos que compõem este número tratam, sobretudo, de populações, conhecimentos e vidas excluídas, invisibilizadas pelo pensamento e pela lógica social hegemônicos, e desafiam o leitor a transitar entre a dialogicidade freireana e as populações do campo, da educação infantil ao ensino superior, das novas tecnologias e seus usos em prol da geração de aprendizagens a questões relacionadas à pobreza e ao problema da acessibilidade, não só às tecnologias mas a tantos direitos usurpados dessas populações. Transitamos dos discentes e de suas compreensões da escola e da sociedade aos docentes, suas ações, percepções e processos de formação. São temas plurais, abordagens múltiplas, mas sempre com a preocupação de produzir conhecimentos que atendam necessidades sociais de luta por mais igualdade, mais reconhecimento do outro, mais solidariedade, mais empatia.

A revisão de literatura traz referências importantes para a reflexão em torno das questões que envolvem a referida autonomia, seus benefícios e seus riscos, auxiliando pesquisadores da área em relação aos conhecimentos já produzidos no campo. As duas resenhas trazem análises de obras que tratam de relações entre tecnologias, seus usos e a educação. Na primeira, analisa-se uma obra que discute os usos do *What app* e na segunda, da televisão. Em todos os três casos, estamos lidando com contribuições importantes para pesquisadores dos temas em tela, outra função de nossa Revista que entendemos ser necessário contemplar.

Antes de apresentá-los, queremos ainda reiterar que a luta que travamos pela superação do fascismo societal e da falta de empatia que o caracteriza, presente nas democracias políticas atuais, de baixa intensidade – aquela que segundo Santos (2016) só contempla a democracia representativa e seus problemas – precisa se expressar por meio

de ações acadêmico-políticas, com produção e divulgação de conhecimentos que ajudem a pensar nossa sociedade, suas mazelas e possíveis formas de luta contra elas. Mesmo sem nos limitarmos a isso, não podemos fugir “à luta”, como filhos do Brasil que somos.

Assim, neste número da nossa Revista, optamos por textos que contribuem para reconhecer, ampliar, desinvisibilizar movimentos e ações acadêmicas e cotidianas que nos armam para o enfrentamento das crescentes iniquidades que vimos percebendo na nossa sociedade, e com as quais convivemos, confinados hoje em nossas casas, poucas delas dignas e abastecidas, como deveriam ser todas, mas que no Brasil são um privilégio. Aos que desfrutam deste privilégio, resta agradecer e buscar ajudar os que não o têm, demonstrar empatia e compaixão por aqueles que não podem e não têm por que agradecer.

Nessa luta da qual não fugimos, nem fugiremos, está nosso compromisso acadêmico com a qualidade da nossa Revista, que entende qualidade como socialmente referenciada. Por isso, temos aqui publicados textos que reconhecemos processos sociais em sua complexidade tecida por normas e rebeldias, por aprendizagens e lutas sociais e acadêmicas que podem contribuir para a intensificação de nossa democracia, já que permitem ampliar nossa percepção do que existe e pode existir, crescer, se ampliar e intensificar, para além desse fascismo societal contra o qual lutamos, e encontrarmos novos campos e armas de luta pelo Brasil inclusivo, pelo Brasil menos desigual, menos doente – de Covid-19 e de falta de empatia e amorosidade –, nos encontrando com nosso eterno mestre, Paulo Freire, e sua luta pelo reconhecimento da educação como ato de amor ao próximo, que o reconhece como igual em direitos, que o abraça (neste momento só podemos fazê-lo virtualmente) e o ampara, praticando a solidariedade da qual nenhuma sociedade pode abdicar, sob pena de sucumbir à sua própria falta de empatia.

Por isso a escolha por iniciar este número da Revista com o texto “A dialogicidade na perspectiva freireana a partir da projeção de imagens sobre os conflitos socioambientais em Ferreira Gomes/AP”. O tema, atualíssimo, nos remete às possibilidades de uso dessa dialogicidade, que pressupõe uma verdadeira escuta do outro, para refletir sobre os, cada dia mais frequentes, conflitos ambientais na região amazônica. O artigo traz a visão dos moradores da cidade pesquisada, acerca dos conflitos socioambientais locais, na perspectiva freireana, refletindo sobre a situação do município no conflito entre defensores do uso de seu potencial hídrico para geração de energia e aqueles que buscam preservar o meio ambiente, luta crescentemente inglória, como tantas outras, mas que permanece existente. Círculos de cultura freireanos e pressupostos da Educação Popular foram usados

como método de pesquisa, temas e questões relacionados ao cotidiano local foram debatidos, fazendo emergir nos moradores um olhar crítico sobre suas vidas, reflexões sobre sua realidade, potencializando a luta em defesa do meio ambiente, contra um 'progresso' imaginário que beneficia, com frequência, pequenos segmentos sociais privilegiados.

Na esteira da temática da Educação Popular, mas desta vez tratada por meio da Teoria das Representações Sociais, o segundo texto, "Educação popular voluntária: representações sociais orientando ações educativas no movimento de luta por moradia (MLM) de Salvador, Bahia", busca analisar "o campo das Representações Sociais sobre o objeto Educação Popular a fim de perceber a carência de ações educativas voltadas para o Movimento de Luta por Moradia (MLM) de Salvador", recorrendo às três maiores lideranças do Movimento dos moradores Sem Teto (ST) como sujeitos da pesquisa. Os autores trazem, em suas conclusões, a proposta de ampliação da noção de Educação Popular, oferecendo aos leitores a noção de Educação Popular Voluntária (EPV), que incorpora o voluntariado individual em ações de compartilhamento de conhecimentos como possibilidade de transformações sociais e pessoais.

Ainda no campo das representações e da luta por vida digna, mas desta vez de dentro da escola e da Universidade, o terceiro texto, "Pobreza: o que pensam estudantes do Ensino Médio e do curso de Pedagogia" enuncia já no resumo dos autores que a necessidade de tematizar a questão vem do fato desta condição fazer parte de nosso cotidiano. O texto traz as representações de estudantes de baixa renda de São Paulo sobre a pobreza e a desigualdade social e o que preocupa os autores é a naturalidade com que os sujeitos da pesquisa encaram esses problemas e o sistema socioeconômico que lhes dá origem. Com tristeza evidente, concluem que "Para ambos os grupos, a pobreza e a desigualdade sempre existiram e vão continuar assim, existindo um grupo de pessoas destinado a ser pobre e outro a ser rico, um que domina e outro que é naturalmente dominado". É um texto que nos mostra a imensidão do percurso da luta pela igualdade social e que denuncia a desumanização da qual falava Freire quando se referia aos processos de opressão na sociedade. Desconstruir essas representações se faz, portanto, necessário.

Mantendo-nos nessa linha de escuta discente, indispensável ao amadurecimento do diálogo capaz de democratizar práticas e propostas pedagógicas, o texto seguinte mergulha em atividades de ensino de química, mantendo a preocupação com a compreensão do que desejam e compreendem os discentes. "Uso de aplicativos no ensino de química orgânica na

percepção de discentes” é um artigo que assume como objetivo investigar a percepção de um grupo de discentes ao avaliarem e discutirem as potencialidades e limitações de aplicativos explorados no ensino de química orgânica em um curso superior de uma universidade pública. O interessante na conclusão é perceber, diferentemente do texto anterior, o quanto os alunos evidenciam consciência crítica em relação ao uso do aplicativo em tela. Reconhecem sua importância, aceitam que estes podem ser aliados ao processo de ensino, despertando interesse e tornando as aulas mais dinâmicas e atrativas, mas que isso não basta, é preciso saber com que objetivos.

Destinadas a estudantes ou a docentes, ferramentas tecnológicas já demonstraram amplamente suas possibilidades de contribuição à melhoria de processos educativos, mesmo que nem sempre facilitando e potencializando aprendizagens explicitamente. É disso que trata nosso sexto texto “Ferramenta para apoio à elaboração de planos de aula atendendo critérios de acessibilidade” que apresenta um estudo sobre o desenvolvimento e avaliação de uma ferramenta para auxiliar o professor na criação de planos de aula que atendam critérios de acessibilidade contribuindo para a inclusão no ensino superior. A ferramenta em questão mostrou-se capaz de apoiar o trabalho dos professores na elaboração de planos de aula, por meio da recomendação e verificação da acessibilidade dos conteúdos criados/selecionados para os alunos e foi recebida positivamente pela maior parte dos professores envolvidos na pesquisa que entenderam ser a ferramenta um instrumento capaz de recomendar conteúdos adequados e de avaliar a acessibilidade dos materiais. Estamos aqui no campo dos benefícios das novas tecnologias para a inclusão social, questão altamente relevante na luta pela igualdade e pela democracia.

Seguimos com artigos que buscam incluir, valorizar alternativas de ensino-aprendizagem com tecnologias, técnicas, novidades e reconhecimento do valor dos clássicos, sejam métodos, textos ou filosofias educativas como veremos nos artigos a seguir. O artigo “Por que ler os clássicos na escola? Observações a partir de um clube de leitura juvenil” defende a importância da leitura de clássicos literários no Ensino Médio ao mesmo tempo em que questiona as práticas de leitura da população jovem. Apontando a frequente rejeição de livros considerados clássicos no ambiente escolar, o texto se propõe a refletir sobre a necessidade de realizar esse tipo de leitura mesmo quando ela não proporciona prazer estético aos alunos, em função dos seus valores artísticos e históricos. Entre outras conclusões e argumentos, o texto propõe o incentivo à leitura integral de textos, a mediação cultural e a valorização da biblioteca nas escolas.

O texto seguinte, “Um levante por meio da escrita: a carta da Comissão de Libertos de Paty do Alferes para Rui Barbosa”, analisa o processo de escolarização de crianças negras em Vassouras no período compreendido entre 1871-1910 a partir da carta referida no título. Questiona o pouco interesse dos historiadores pelos processos educacionais, mesmo dos povos ditos civilizados, mas sobretudo os dos escravizados. Como resultado da análise, o texto, com base em Elias, defende que os velhos africanos realizaram um levante dos *Outsiders*, reivindicando escolas para as crianças, filhas de mães escravizadas, evidenciando conhecimentos e preocupações que o discurso social hegemônico não reconhece como deles.

A luta contra o racismo, desta vez teorizada por meio de estudo curricular segue sendo o tema em pauta no artigo “Multiculturalismo crítico na perspectiva do currículo antirracista: uma revisão dos artigos da RBCE de 2005 a 2015” que analisou artigos do periódico Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Buscando termos que evidenciassem luta antirracista nos artigos selecionados para estudo, os autores consideraram que a perspectiva étnico-racial, no período investigado nesse periódico, está silenciada, e isso pode revelar a hipótese de que o campo da Educação Física Escolar não tem contribuído para a implementação do ensino antirracista no currículo da Educação Básica.

A invisibilidade da presença negra na Educação Brasileira é evidenciada em ambos os textos, o que nos incita a reconhecer a importância da denúncia que trazem bem como a insurgência contra tal subalternização e emudecimento. E temos um alento, surpreendente à primeira vista, com o ideário educacional que surge no texto seguinte, “A concepção de educação de Zygmunt Felinski à luz da contemporaneidade”. Defendendo a ideia de que “todos os envolvidos no processo educativo devem sentir-se membros da comunidade” o pensador e santo criou a Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, na Rússia no ano de 1857, para que se ocupassem da instrução, as crianças, os idosos e os doentes, o que fazem desde o momento de sua fundação até os dias atuais, comprometendo-se com aqueles com dificuldades de exercer seu direito à educação, fazendo falar vozes silenciadas por meio desse envolvimento proposto pelo seu fundador. Tendo chegado ao Brasil em 1906, com a intenção de dar atenção ao imigrante polonês em terras brasileiras, as irmãs seguem com seu trabalho e o artigo em tela mostra que as categorias educacionais de Zygmunt Felinski permanecem vivas nas instituições pesquisadas, mas que as religiosas educadoras estão atentas aos sinais dos tempos, atualizando seu carisma e seus princípios pedagógicos à luz da contemporaneidade.

Contemporaneidade que permanece presente no texto seguinte, “A escola no contexto do contemporâneo: a contribuição teórico-metodológica das representações sociais”, que tem como objetivo apresentar os resultados da investigação acerca das finalidades da escola na atualidade de um grupo de professores da Educação Básica de escolas da rede pública localizadas em comunidades de baixa renda da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, nos mantendo no tema da busca da inclusão social. O aporte teórico que sustentou esta investigação consiste na Teoria das Representações Sociais, na perspectiva proposta por Moscovici. O texto identifica representações socialmente construídas para o grupo de professores participantes da pesquisa acerca das finalidades da escola hoje, associadas às unidades de sentido relacionadas ao aluno, ao cenário sociopolítico e ao futuro da educação.

Preocupação histórica de educadores, a inclusão social por meio da escolarização levou ao desenvolvimento de métodos ativos de ensino. E é este o tema do artigo “O lúdico no ensino de Ciências: contribuições do jogo ‘Conhecendo a Digestão’”, que apresenta uma pesquisa desenvolvida a partir de uma experiência desenvolvida no Programa de Iniciação à Docência (PIBID), com alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública da região Sul da cidade de São Paulo. A investigação envolveu duas turmas de alunos. Com uma turma se fez uso de aula expositiva e com outra utilizou-se o jogo. Os resultados obtidos demonstraram que, tanto a aula expositiva quanto o jogo, podem promover o aprendizado. No entanto, os resultados levam a pensar que o jogo “Conhecendo a Digestão” pode ser um importante apoio para o ensino, já que possibilita um momento lúdico, motivador e, portanto, significativo para o aprendizado dos alunos.

Das práticas docentes à formação continuada de professores, quase sempre voltadas à tentativa de melhoria dessas práticas de modo a ampliar a capacidade docente de promover aprendizagens, chegamos ao texto “Formação continuada na educação infantil: indicadores da produção acadêmica capixaba” que objetiva analisar as produções acadêmicas que circunscrevem as experiências de formação continuada realizadas na Educação Infantil, seus enfoques, referenciais e perspectivas de formação continuada. O que todos têm em comum é o reconhecimento da importância da formação continuada como subsídio às práticas pedagógicas e, portanto, reconhecendo a necessidade de intensificar investimentos em ações formativas, compreendidas como meio de qualificação do trabalho educativo.



Ainda sobre o tema da formação, o artigo “Contribuição de uma formação continuada a partir de um processo de avaliação para a melhoria da qualidade de uma creche” analisa uma formação em contexto, desenvolvida por meio de um processo de avaliação, para a melhoria da qualidade do trabalho de uma creche. Numa pesquisa-ação do tipo colaborativa, realizada em uma creche pública, contando com um processo de vídeo formação foi possível perceber que a formação contribuiu para que as professoras, à luz dos conhecimentos construídos, refletissem sobre suas próprias práticas pedagógicas visando à melhoria da qualidade da creche.

Mas nem só de boas experiências de formação continuada ou de trabalho cotidiano vivem os docentes, como bem sabemos, e o artigo “A prática do esporte como estratégia de enfrentamento do estresse docente” estuda, identificando o grau de estresse dos docentes e analisando as estratégias de enfrentamento utilizadas em relação à prática esportiva. Os resultados indicam que 35,4% dos docentes praticam esportes e são os que exibem menor nível de estresse e maior desenvolvimento de estratégias de enfrentamento positivas.

Diante de tantas fontes de estresse, vividas por docentes, discentes e cidadãos em geral, no nosso Brasil atual, diante dos tantos problemas e lutas sociais por mais inclusão social e mais igualdade, já aqui apresentados e discutidos nos diferentes artigos que compõem este número da nossa Revista, escolhemos trazer os artigos que, de alguma forma, dialogam com as artes no final do número, como forma de lembrar a todos os nossos possíveis leitores que, como aprendemos com Nietzsche (2008), “a arte existe para que a realidade não nos destrua” e é, portanto, arma importante neste momento que vivemos.

Assim, chegamos às artes por meio das “Narrativas musicais e o *Digital Sock*: um novo modelo de atuação em educação musical”, artigo que registra os resultados da intervenção prático-pedagógica assim nomeada pelos autores, que investigou a capacidade estimuladora do protótipo instrumental *Digital Sock* na construção de narrativas cênico-musicais. Os resultados indicam que um modo de agir centrado na dualidade gesto-som, na improvisação e na ludicidade, tendo como estímulo sonoro o *Digital Sock* e outros artefatos cênicos-musicais, permite a aprendizagem musical, estimula a imaginação/criatividade e promove a comunicação e a expressão em processos interativos envolvendo corpo-instrumento-ambiente.

Da relação corpo-música passamos às experimentações performáticas, uma modalidade artística tão jovem quanto potente, presente no artigo “Sentidos de escola em performance: um estudo na Licenciatura em Educação do Campo”. Soa particularmente

interessante e inovador investigar os sentidos atribuídos à escola por professores em formação a partir de um processo de experimentações performáticas vivenciadas na Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza de uma universidade pública. O estudo apresenta a interface entre Performance e Educação como possibilidade de se pensar uma dimensão pedagógica em que a ação corporal se configure como posição dos sujeitos frente a uma realidade. A pesquisa possibilitou observar a potencialidade da performance para a educação e, em especial, para a formação docente, na medida em que coloca o corpo como linguagem e como lugar central, reconhecendo que as relações de poder têm um forte impacto sobre os corpos dos sujeitos.

Das expressões corporais à sétima arte, de novas expressões artísticas ao uso da arte como metodologia – nos moldes e na época do escolanovismo, nosso penúltimo artigo fala sobre “O cinema educativo na Escola Regional de Meriti”, instituição considerada precursora do Movimento da Escola Nova no Brasil, entre os anos de 1920 e 1960. Conceituando cinema educativo e analisando os preceitos desse Movimento, a pesquisa realizou uma efetiva contextualização sobre o uso dessa tecnologia pelos adeptos do Movimento da Escola Nova.

O último artigo deste número da REEDUC trata do tema da “Indústria Cultural, tecnologia midiática e educação: desafios à formação crítica”. De certa forma, é um artigo que liga os diferentes temas deste número, já que nos traz artes, tecnologias, educação e formação crítica. Entende que a tecnologia midiática (televisão, smartphone, entre outros) propaga ideologias e informações associadas à produção de mercadoria e consumo e, por isso, constata a necessidade de se (re)pensar o cenário midiático atual e seus impactos no processo formativo dos sujeitos escolares, em prol de uma nova configuração além da mercadoria e da instrumentalização da razão.

A revisão de literatura deste número, “Autonomia financeira da escola: o estado da questão”, mapeia e analisa artigos sobre a autonomia financeira da escola publicados em periódicos, em livros e capítulos e em anais de congressos ou eventos, no Brasil, de 1997 a 2016. Foi elaborado a partir de busca nas bases de dados de periódicos da CAPES-MEC e da Associação Nacional de Política e Administração da Educação (ANPAE), além de livros sobre políticas educacionais. Mereceram destaque dos autores a defesa da iniciativa e seus impactos positivos para a gestão da escola e sua autonomia e o desacordo entre os modelos de efetivação da política.

Finalmente, mas não menos importante, duas resenhas de obras abordando questões relacionadas aos usos das tecnologias na vida cotidiana.

A resenha da obra “*Whatsapp e a educação: entre mensagens, imagens e sons*”, publicada pela Edufba em 2017, na qual os autores trazem uma reflexão sobre o uso das redes sociais, em especial, o *Whatsapp*, como ferramenta de auxílio às práticas pedagógicas entendendo que os dispositivos móveis são artefatos dos processos da cultura contemporânea, que podem ser usados para criar novas maneiras de aprender, inovando, inclusive, as maneiras de ensinar. Num cenário em que a cultura digital está tão disseminada entre os indivíduos, chamados nativos digitais, estes buscam novas formas de se comunicar, se relacionar, se expressar, jogar e se expor.

A outra resenha, da obra “*Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*” aponta que esta trata da relação entre dois temas: a educação e a mídia, em especial a televisão, apresentando questões sobre possíveis justificativas para o uso de recursos midiáticos como a TV no cotidiano escolar. O principal argumento defendido no livro é a existência de uma estreita relação entre a TV e o público brasileiro e, como a TV possui uma série de elementos culturais significativos, esses não podem ser negados no processo educativo.

Eis aqui um número longo, denso, comprometido com a busca de empatia, com possibilidades educativas inclusivas e includentes, já que navegam do pensamento freireano às mais novas tecnologias e seus usos possíveis, de práticas pedagógicas inovadoras em tempos históricos tão distintos aos dramas da docência e às possibilidades de investimento em uma formação melhor e mais apropriada aos desafios que enfrentam, de ações escolanovistas e seus métodos à luta pela inclusão educativa de populações sobre as quais impera o preconceito, notadamente negros e deficientes.

Alertando o leitor para a dificuldade de ordenar estes textos, em função dos muitos enredamentos possíveis entre as temáticas, escolhemos uma ordem coerente possível. Ao leitor caberá descobrir e optar por outras, de acordo com seus interesses e desejos. Mas o recado final é um só: *incluir pedagogicamente, incluir metodologicamente, incluir politicamente, incluir por deficiência ou por razões de caráter social, trata-se sempre da luta contra a desigualdade social, pela empatia e pela solidariedade*. Estamos nela.

REEDUC, presente!

## Referências

NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

RAMSAY, Lynne. **Precisamos falar sobre o Kevin**. Londres: BBC, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A difícil democracia: reinventar as esquerdas**. São Paulo: Boitempo, 2016.

**Submetido em 15/06/2020**

**Aprovado em 02/07/2020**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)